



Dons e Ministérios

Igreja Metodista

Colégio Episcopal

*Dons e
Ministérios*

IGREJA METODISTA

Colégio Episcopal

1988

1ª. Edição - 1ª. impressão 1.000 Exs. 08/88
- 2ª. impressão 2.000 Exs. 09/88

IGREJA METODISTA
Sede Geral
Caixa Postal 55.202
São Paulo - SP
CEP 04799

Departamento Editorial
da Imprensa Metodista
Av. Senador Vergueiro, 1301
São Bernardo do Campo - SP
CEP 09750

APRESENTAÇÃO

O Colégio Episcopal, buscando orientar a Igreja e ajudar pastores(as) e leigos(as) a refletirem a respeito do Movimento "Dons e Ministérios", apresenta esta publicação.

Esperamos que este material, bem como os que virão a seguir, possam inspirar e melhor fundamentar a vivência e experiência prática de toda a Igreja em relação aos Dons e Ministérios.

É com muito amor, consideração e oração que encaminhamos aos irmãos(ãs) estas reflexões bíblicas, teológicas e práticas.

Possa o Espírito nos inspirar e conduzir, fazendo possível a todos(as) esta nova caminhada da fé, mantendo-nos em unidade e expressando dinamicamente as nossas diversidades, sem contudo perdermos a comunhão de uns para com os outros, através do amor.

Com amor cristão,
os pastores, irmãos e bispos do
Colégio Episcopal

Bispo Adriel de Souza Maia
Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço
Bispo Nelson Luiz Campos Leite
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
Bispo Richard Santos Canfield
Bispo Scilla Franco

Agosto de 1988

INTRODUÇÃO

DONS E MINISTÉRIOS não é um programa. É UM MOVIMENTO. Um movimento conduzido pelo Espírito, cujas raízes encontramos na Palavra de Deus. Este movimento representa o caráter ministerial de TODA A IGREJA, onde todos(as), pastores(as) e irmãos leigos(as), participam do ministério total da Igreja.

Dons e Ministérios tem uma visão missionária. O movimento existe em função da Missão, pois somos uma “Comunidade Missionária”. Não surgimos e nem vivemos para nós mesmos. Nosso ministério não deve estar voltado para “si mesmo”, mas para as pessoas, comunidades e todo o Universo. É à luz do “ministério de Cristo” que devemos desenvolver o nosso ministério.

É da visão de uma “Igreja Missionária”, comunidade do Senhor, que deve nascer o movimento **Dons e Ministérios**.

No processo de implantação e desenvolvimento desta nova configuração e vivência da Igreja surgem muitas questões teóricas, teológicas, bíblicas e práticas.

- Como sair de uma “igreja de cargos e poderes” para uma “igreja de ministérios?”
- Como conviver a realidade de uma “igreja pluralista” com a vivência de uma “igreja em Unidade” – fundamental para a caminhada dos Dons e Ministérios?

Uma Experiência Concreta

● Quais as situações que suscitam os ministérios de hoje? Numa determinada igreja o pastor e um grupo de irmãos(ãs) indagam ao seu bispo a respeito de “como iniciar” o movimento **Dons e Ministérios** e como “descobrir os dons e os ministérios do Espírito para a Igreja”. O bispo, com o discernimento e a sabedoria do Espírito, respondeu:

– É necessário ORAR... Orar muito, buscar a Deus... Mas orar com os olhos abertos. Olhos abertos para compreender a Deus e ver a realidade humana que necessita da atuação e resposta de Deus.

Orar com os olhos abertos. Eis um caminho para se iniciar o movimento **Dons e Ministérios**.

Após seis meses de estudos, esboços, implantações, percebemos que há um “novo impulso e entusiasmo” na vida e missão da Igreja. Novas situações e uma dinâmica renovadora têm surgido em pessoas, grupos e comunidades. Há um “sopro de renovação e vida” surgido do Espírito Santo no meio de nosso povo.

Contudo, tem havido muitas situações problemáticas, indefinidas, diversificadas no esboço, na organização, na implantação, na vivência e na prática dos **Dons e Ministérios**. As experiências são diversificadas de comunidade para comunidade, dependendo do pastor(a) e dos leigos(as).

Apesar da Igreja já vir há quase 15 anos procurando desenvolver, desde o primeiro Plano Quadrienal, uma Igreja de natureza Ministerial, a presença de uma tradição de “igreja institucionalizada e estruturada” tem impedido nossa caminhada, limitando-nos na caminhada de uma “nova configuração de Igreja”, surgida pelo impulso, li-

berdade e ação do Espírito Santo. Nossas ações e reações muitas vezes têm impedido a ação do Espírito Santo.

Como superar situações tais, relativas a questões de:

- Cargo e poder
- Institucionalismo
- Clericalismo
- Individualismo
- Omissão participativa missionária do leigo(a)
- O pastor determinando os ministérios
- Os leigos(as) se oferecendo à participação sem contudo terem uma fundamentação ou base doutrinária e prática.

Podemos levantar algumas situações concretas que estão surgindo no início desta implantação. Ao levantar essas situações desejamos, apenas, provocar reflexões que nos venham desafiar, aperfeiçoar e enriquecer a nossa caminhada. Ouvindo pastores(as) e irmãos e irmãs leigos(as), enumeramos algumas dessas situações concretas:

- O movimento **Dons e Ministérios** tem sido uma “forma diferente” de manter o mesmo espírito e a mesma configuração já existente na igreja. Nomes e situações apenas substituem “velhas estruturas, cargos e poder”. Não visamos um “novo programa para a Igreja”, mas “um movimento... semelhante ao movimento que surgiu para o metodismo primitivo na Inglaterra”.
- **Dons e Ministérios** surgiu para abater, diminuir e eliminar os grupos societários, as Federações e as Confederações.
- **Dons e Ministérios** é mais um “modismo” momentâneo e passageiro.

- Criação dos ministérios em situações semelhantes e análogas às dos cargos e comissões anteriormente existentes.
- Manter as estruturas atuais sem motivar, esclarecer, fundamentar bíblicamente, abrir espaços e atuar pastoralmente no início de sua implantação.
- Pastores(as) definindo os ministérios, assumindo o processo, inibindo e impedindo a ação do Espírito e liberdade de expressão e participação do laicato.
- Falta de critérios bíblicos e teológicos, objetivos na orientação e formação da configuração dos **Dons e Ministérios**. Pessoas que se apresentam sem estarem conferindo seus dons com a Graça, os frutos e demais princípios.
- Imposição pastoral ou conciliar, vinculando o cadastramento dos membros ativos à sua vinculação e participação nos **Dons e Ministérios**.
- Ausência do estabelecimento de critérios na organização e definição dos **Dons e Ministérios** nas áreas locais e regionais.
- Descaracterização da conexionalidade da Igreja – em todos os seus níveis e áreas – em relação aos **Dons e Ministérios**. Perigo de individualismo pessoal e comunitário, tornando-nos uma Igreja mais no sentido congregacional.
- Conflitos interpretativos a respeito dos **Dons e Ministérios**, mesmo havendo fundamentação bíblica. Falta da visão total bíblica e tendência a fundamentar-se num texto bíblico ou em determinados textos.
- Incompreensão e indefinição quanto a questões: dons, aptidões, capacidade, dons espirituais e em que sentido

passam a tornar-se “Dons do Espírito para o serviço dos ministérios”.

- Confusão no sentido de que optando por uma Igreja de **Dons e Ministérios** desaparece o lugar e o papel do ministério pastoral. Falta da compreensão por pastores(as) e leigos(as) do sentido específico do ministério pastoral.
- Procurar, antes da consciência, vivência e prática, realizar o aspecto organizacional, estabelecendo regimentos, regulamentos, organização da igreja local ou regional, impondo ou procurando configurar uma situação “ideal” no lugar de partir da “realidade” encontrada em cada comunidade.
- Observar as realidades, as necessidades, os movimentos existentes nas igrejas locais e na comunidade onde ela vive para depois, à luz das pessoas e do espírito missionário existentes na igreja local, configurarem e estruturarem “Dons e Ministérios”.

PARA ONDE CAMINHAR

Temos a clara visão e consciência de que os **Dons** devem responder às necessidades e realidades presentes na vida das pessoas, da igreja e da comunidade onde vivemos e cumprimos a nossa Missão.

Todos os **Ministérios** deverão responder a necessidades concretas das pessoas, da comunidade e aos imperativos da Missão, pois, antes de tudo, somos uma Comunidade Missionária e os **Dons e Ministérios** são instrumentos divinos objetivando a vivência e o desempenho desta comunidade missionária.

As necessidades, os clamores, os desafios e a realidade em que vivemos determinam a natureza e o caráter dos ministérios a serem desenvolvidos. Na Igreja Primitiva

este é um fato sempre presente, bem como no Antigo Testamento.

A ação do Espírito Santo é fundamental em todo o processo, consciência, despertamento, desafio, estruturação, preparação e expressão dos **Dons e Ministérios**. Esta ação sempre responde à realidade e necessidades específicas a cada igreja local e comunidade.

Vemos com satisfação e alegria que **Dons e Ministérios** não é um fim em si mesmo e nem está centrado na “igreja local”, como uma comunidade isolada e fechada em si mesma. Muitas comunidades estão descobrindo que o “serviço” é que concretiza a realidade do **Dom**. Muitas “igrejas locais” estão sendo fecundadas pelo Espírito, estando abertas e sensíveis a Ele. Oram... vigiam... jejuam... louvam... adoram... cultuam... edificam-se... mas estão com os “olhos abertos e sensíveis a Deus e às realidades e necessidades de sua própria comunidade, das pessoas e da sociedade como um todo”.

Dons e Ministérios não eliminam os fundamentos, as bases e os princípios bíblicos, teológicos, práticos e missionários contidos no Plano Vida e Missão. Ao contrário, abrem espaços, oportunidades e situações concretas de expressá-lo de forma correta, diversificada e unificada.

Há uma íntima relação entre o “Ministério da Igreja” – como Corpo de Cristo, em sua totalidade – e os “ministérios presentes na Igreja”. Os ministérios não podem descharacterizar o sentido total do Ministério da Igreja. Nem todas as igrejas e pessoas possuem os mesmos ministérios, mas a mutualidade e a unidade destes ministérios devem configurar, na sua “totalidade”, os “ministérios fundamentais” da Igreja como Comunidade Missionária.

Os **Dons e Ministérios** numa Igreja Conexional devem expressar, na unidade do Espírito, a mutualidade

missionária e a mútua cooperação ministerial de todo o Corpo, visando ao aperfeiçoamento, ao serviço e à edificação do Corpo de Cristo no mundo.

ESTUDOS

Objetivando ajudar a Igreja em sua reflexão bíblica, teológica e prática, o Colégio Episcopal inicia o estudo de uma série de temas relacionados ao Movimento **Dons e Ministérios**.

Este é o primeiro estudo apresentado pelos bispos. Outros virão posteriormente.

O Colégio Episcopal, respondendo a anseios, indagações e situações concretas, proporciona aos pastores(as), irmãos(ãs) e Igrejas, material que possibilite reflexão e ação. Esperamos, ao publicar uma série de pequenas orientações bíblico-teológico-pastorais, ajudar a Igreja em sua caminhada de “Crescimento em Maturidade”, através do Projeto **Dons e Ministérios**.

Por esta causa nos colocamos de “joelhos” diante de Deus e que Ele vos conceda com poder, através da atuação do Seu Espírito no interior de vós, a Graça, a sabedoria, o discernimento e a prática da vivência da Igreja a partir dos **Dons e Ministérios**.

I – DONS E MINISTÉRIOS: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Dons e Ministérios apresenta um “sopro” do Espírito junto ao povo metodista. É uma nova dinâmica para a vida do cristão e da Igreja. Somos despertados a uma renovação de fé e vida através dos **Dons e Ministérios**. O Senhor, através do Espírito, tem concedido ao cristão e à Sua Igreja **Dons** que objetivam o exercício de um **Ministério**. Os “dons” são conferidos segundo o propósito de Deus, a realidade e as necessidades das pessoas, comunidade da fé e do mundo. Existem como expressão de serviço ministrado em nome de Cristo e no poder do Espírito Santo.

a. A busca dos Dons

Muitos buscam dons e poderes nos dias de hoje. A vida de hoje é um convite para buscar autoridade, poder, nome, posição, destaque e dons. Em grande parte, o seu objetivo é a “auto-realização”, a “vanglória” e o “engrandecimento pessoal”.

Para nós, cristãos, “dons” significam “serviço”. O centro da vida cristã é Cristo. Tudo na expressão da vida cristã deve visar à glória, ao louvor, ao Senhorio e à continuidade da Missão de Cristo em SERVIR as pessoas e o mundo. Tudo quanto recebemos de Deus

não deve ser motivo de orgulho, mas de louvor ao Senhor e Serviço ao Seu nome e ao próximo.

Os dons devem visar à “edificação”, ao “equipamento”, ao “aperfeiçoamento” dos cristãos e de todo o Corpo de Cristo, objetivando o serviço de Cristo e a “Edificação do Seu Corpo” no mundo.

O Espírito Santo confere dons às pessoas e à Igreja visando não a nossa glória, o nosso orgulho ou a nossa ação de dominação... mas o “exercício do ministério”.

b. Graça, Dons e Ministérios

O “movimento” **Dons e Ministérios** fundamenta-se no testemunho bíblico, no testemunho do povo de Deus no Antigo Testamento e na experiência de vivência cristã da Igreja Primitiva.

1. Graça

É essencial na vida cristã. O Salmo 63 nos diz que: “A Tua Graça é maior do que a vida”. Efésios afirma: “Pela Graça sois salvos ... isto não vem de vós... é dom de Deus... para que ninguém se glorie” (2.1-10). Paulo fala que a “graça foi concedida a cada um... segundo a proporção do dom de Cristo” (Ef 4.7) e que “temos diferentes dons segundo a graça que nos foi dada... (Rm 12.6). I Pedro afirma que devemos servir uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como “bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (I Pe 4.10).

O primeiro fundamento da vida cristã é a Graça. De nada vale **Dons e Ministérios** sem a experiência da Graça Divina, manifesta em Cristo, testemunhada no Espírito e presente na vida das pessoas e da Igreja.

Wesley sempre perguntava: “Tens a Graça?” Para depois indagar: “Tens os dons? Tens os frutos?”

2. Dons

A Bíblia testemunha a respeito dos **Dons**. Primeiramente fala-nos do “Dom” – que é o próprio Deus, presente em Cristo e também no Espírito. Antes dos dons temos que possuir e sermos possuídos pelo Dom – o próprio Deus. **Dons** sem o Dom não têm sentido. Muitos procuram os “dons” sem antes terem a experiência com o “Dom de Deus”.

A todos(as) quantos receberam o Dom – Cristo e o Espírito – lhes é concedido “dons”, conforme apraz ao Espírito. Todos são chamados a ter a consciência deste fato: “a cada um lhes é dado individualmente, na diversidade do Espírito, “dons” – conforme I Co 12.

Sob a Graça e o Espírito do Senhor somos chamados a desenvolver e a ministrar os dons que o Senhor nos tem concedido.

3. Ministérios

Muitos perguntam: “Para que o dom?” ou “os dons”? Os dons edificam a pessoa, a Igreja e toda a comunidade humana. Não visam a nossa glória, orgulho, superioridade e nem nossa dominação sobre outras pessoas.

O objetivo dos **Dons** é o Ministério. **Ministério** de toda a Igreja – isto é, da totalidade do Corpo de Cristo objetivando ao “aperfeiçoamento”, “equipamento”, “capacitação” e “instrumentalização” dos santos visando ao “desempenho do Seu Serviço para que “O Corpo de Cristo” seja edificado no mundo.

Dons visam ao **ministério** de todo este corpo, nos seus diferentes membros e partes – pastores(as) e leigos(as).

Ministério significa Serviço. Nosso guia é Cristo: “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos”. Cristo usou o “dom de Deus” para o Serviço.

Somente há sentido para os “dons” quando eles se expressam em serviço. Serviço prestado a Deus, ao próximo e a toda a comunidade humana.

Os “dons” devem capacitar-nos para o Serviço e a manifestação da Glória divina em seu Senhorio no mundo.

Graça, Dons e Ministérios são aspectos fundamentais da vida do cristão e da Igreja, que devem estar juntos e agirem de formas independentes.

A NATUREZA DOS DONS E MINISTÉRIOS

O desejo de consagração e trabalho das pessoas são importantes, mas por si só não são suficientes para o exercício dos **Dons e Ministérios**. Efésios afirma que “Cristo” concedeu os dons – Ef 4.8. Paulo nos fala que o Espírito concede dons “a cada um”, cf. I Co 12. Os dons e os ministérios são de natureza divina. Não são meras opções humanas, mas concessões da Graça Divina.

Wesley, diante dos que se apresentavam para receber atribuição de pregadores locais, lhes perguntava: (1) Tens a Graça? (experiência viva com Cristo). (2) Tens os dons? (reconhecimento do chamamento do Espírito). (3) Tens os frutos? (comprovação na prática da Graça e dos Dons).

Os dons sempre existem em função do exercício do Ministério visando à glória de Deus, à edificação do Corpo de Cristo e Seu serviço prestado às pessoas e socieda-

de. Não são instrumentos de vanglória, dominação ou poder.

Na Bíblia temos alguns critérios para avaliar e confirmar os dons:

- a) **Êxodo 18.21** – “homens e mulheres capazes, teementes a Deus, pessoas de verdade, que aborream a avareza, ambição ou glória”.
 - b) **Atos 6** – “Pessoas de boa reputação, cheias do Espírito e da sabedoria, que se encarregarão do ministério (serviço)”.
 - c) **I Co 12.4-11** – Dons concedidos a “cada um” visando a um fim proveitoso (edificação e serviço... a mútua cooperação. Tem sua realização comunitária: unidade de todo o corpo, edificação, consolidação, mútua cooperação. “Corpo de Cristo e membros um dos outros” – Rm 12.5. São expressões de toda a comunidade.
 - d) **Fp 2.2-4** – É importante nas pessoas e na comunidade, objetivando Dons e Ministérios, a “unidade de pensamento”, o “amor uns para com os outros”, a “união de alma e coração” e o “ter o mesmo sentimento”. Não devem existir por “vanglória, partidatismo, individualismo ou sentimento de superioridade”.
- Dons e Ministérios expressam-se à luz do Ministério de Cristo. Neste sentido devem estar sob o “Senhorio de Cristo”. Jesus deve ser o Senhor das pessoas, dos Dons e dos Ministérios.
- Os ministérios respondem aos imperativos do Reino de Deus, às necessidades do Corpo de Cristo e da Comunidade Humana. Desenvolvem-se no espírito do “serviço” e na expressão da “Unidade” de todo o Corpo – a Igreja.

II – MINISTÉRIO DE JESUS BASE DO NOSSO MINISTÉRIO

INTRODUÇÃO – NOSSA REALIDADE

A realidade que nos cerca é de uma sociedade sem tempo para Deus. Tal afirmação a tomo dos dramas e valores do dia a dia. Mais ainda, as pessoas não têm tempo nem para as pessoas, sejam elas esposa, esposo, filhos, pais, irmãos ou mesmo amigos.

Alguns dos problemas mais graves que tenho visto em meu ministério é a falta de diálogo e de contato humano. Sim, mais e mais, tal sociedade absorve as pessoas, isolando-se uma das outras. Com isto, aumentam as doenças emocionais, e destas surgem outras doenças como: úlceras, doenças do coração, ou mesmo desequilíbrios nervosos e tantos outros, que fazem a infelicidade de muitas famílias. Sem falar nas centenas de pessoas que o próprio sistema produtivo desumano coloca na marginalidade econômica, aumentando, assim, a miséria e a desgraça da maioria da população brasileira. Hoje, no mínimo, dois terços da nossa população vivem em precárias condições de vida.

Enquanto isto ocorre, nós Metodistas entramos no templo, participamos do Culto ou da Escola Dominical, saímos e seguimos sendo parte desta sociedade, recebendo muito mais influência do que transmitimos. Tal verdade é irrefutável: nossos jovens assimilam com facilidade e

com pouco sentido crítico as tendências da moda. A massificação dos modismos é uma realidade que chega até nós, e não apenas entre os jovens, mas também adultos e velhos, por mais conservadores que sejam.

Alguém poderia refutar: “e o nosso ministério de Ação Social? Temos estas e aquelas obras”. Ou, ainda, “e a área de Educação ou Evangelização?” Tudo isto consiste em trabalhos importantes que realizamos: há metodistas ministrando ali, mas o percentual de membros envolvidos raramente chega a 20% do rol de nossa Igreja no Brasil.

A grande verdade é que o Ministério mais comum entre nós é o Pastoral, a ponto de tornar-se sinônimo de ministério: é comum ouvirmos na igreja a seguinte expressão: “o José foi chamado por Deus para o Ministério, e vai ano que vem para a Faculdade de Teologia”. A partir desta compreensão, adquirimos uma visão deturpada de ministério, a qual tem dois graves equívocos.

O primeiro é que ministério só existe um, o pastoral, e fora dele não existe ministério. Aliás, muitos crentes mal orientados pensam que, a eles, cabe ouvir e contribuir (quando contribuem...) e ao pastor, trabalhar. Afinal, ele recebe para isto! Em cada igreja local são poucos os que se dispõem a um ministério: é sempre difícil preencher todas as Comissões e funções existentes nas igrejas locais. O pastor e os abnegados se afadigam tentando inverter o processo da invasão de valores e princípios selvagens de um capitalismo anticristão de “ter para ser” (Lucas 22.26-27), buscando sinalizarem o Reino de Deus, com vistas ao crescimento da Igreja do Senhor. O outro equívoco é o da “Faculdade”, ao qual vem atrelado o princípio academicista de que somente com a formação “formal”, “acadêmica”, “superior”, é que alguém pode exercer um bom ministério; e este valor discriminador é levado às últimas conseqüências nas Comissões de in-

dicações e o resultado tem sido que, na maioria dos casos, não são, necessariamente, os com diplomas universitários os que apresentam os melhores frutos. Não queremos advogar a inutilidade do estudo superior. O que queremos dizer é que tal critério não deve ser o principal! Outros devem também nortear nossas seleções de nome para os ministérios. O principal deve ser o fruto, pois foi isto o que Jesus colocou em João 15, onde encontramos tal critério, ou ainda em Atos 6, por ocasião da escolha dos Diáconos. Vou voltar a este texto mais adiante.

Toda esta argumentação é parte das razões que está levando nossa Igreja no Brasil a estudar melhor a questão **Dons e Ministérios** e desde aí superar uma estrutura de cargos, para uma estruturação em Ministérios, revalorizando a doutrina protestante do “Sacerdócio Universal de todos os Crentes”. Por isto é que queremos aprofundar tal reflexão a partir de um estudo bíblico, iniciando com o Ministério de Jesus, como base para os nossos ministérios.

DO PAI PARA JESUS, DE JESUS PARA NÓS

1)... eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça... (João 15.16)... Assim como meu Pai me confiou um Reino, eu vô-lo confio... (Lc 22.29).

Sim, aí está a questão; tal missão não é responsabilidade de poucos, mas de todos os salvos; Deus nos tem enviado e com a responsabilidade de dar prosseguimento à obra de Jesus.

Nada melhor do que começar pelo ministério de Jesus.

O ministério de Jesus, conforme narrado nos Evangelhos, tem características que podem orientar o nosso ministério, pois são permanentes.

a) **Seu fundamento divino e sua habilitação por Deus – (Marcos 1.9).**

Neste relato que todos os evangelistas preservaram, reside o ponto de partida e o reconhecimento de Deus para o ministério de Jesus.

O que salta às nossas vistas é a submissão de Jesus; mesmo sendo o Filho de Deus, ele vai e procura o profeta de Deus, João Batista. “Jesus foi”, diz o texto, “de Nazaré da Galiléia para o Jordão”, e submeteu-se humildemente ao Batismo de João, o que surpreendeu o próprio João que, segundo Mateus, ficou perplexo e disse: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?” (Mt 3.14).

Há também uma noção clara de continuidade histórica e todo o quadro do Batismo tem uma analogia com o Êxodo.

Salvação

No Êxodo e no Batismo, o Espírito de Iahweh se faz presente, a sua voz é ouvida, estão diante das águas – Jesus desce às águas, Moisés e o povo descem ao mar e no contexto maior, após as águas, segue-se o deserto. É no deserto que Jesus é tentado, assim como o foram Moisés e o povo. O deserto, como local, é o modelo do lugar onde Jesus e também Moisés e o povo têm de depender exclusivamente de Deus; o deserto é um tema rico em significados em todo o mundo bíblico.

As coincidências apontadas não são ocasionais; elas estão aí para mostrar que o ministério de Moisés e a caminhada do povo, desde o Egito, através do deserto, é atualizado através do ministério de Jesus que também traz, junto a si, multidões, de tais multidões nós, hoje, seguimos fazendo parte.

Vemos, assim, nestes paralelos alguns pontos de referências. O primeiro é que o ministério de Moisés, como o de Jesus e por conseqüência o nosso, têm por base uma realidade negadora da vida, opressora e escravizante. Com Moisés, o Egito; com Jesus, a Palestina do século I e conosco, o Brasil, tudo com vistas à salvação do povo.

A segunda referência é que ambos os ministérios se apoiam e se justificam numa ordem de Deus (Êx 14.15; Jo 1.17; Mc 1.38; Jo 1.36-38). É deste modo, o Evangelho, a nossa base e em obediência a ele realizamos nosso ministério.

Devemos dizer que existem diferenças entre as duas tradições pois os evangelistas, ao mesmo tempo que anotam as semelhanças, sublinham a superioridade do Messias Jesus, o Filho de Deus (Mc 1.1; Jo 1.16-18). No próprio relato do batismo, João Batista reconhece nele o Messias, e a voz de Deus o reconhece como “Filho Amado”, e é sobre Ele que o Espírito de Iahweh desce em forma de pomba.

Assim, temos como ponto de partida no ministério de Jesus o seguinte:

- a) continuidade da ação histórico-libertadora de Deus;
- b) a voz de Deus como uma ordem que legitima o ministério de Jesus;
- c) o Espírito que habita com poder o ministério de Jesus. Temos aqui uma seqüência a ser considerada por nós ao darmos prosseguimento do ministério de Jesus, como sua Igreja.

b) **A Mensagem de Jesus – Mc 1.14-15**

A mensagem de Jesus começa com as palavras “peplêrotai ó Kairós”, o tempo está cumprido ou o tempo

é agora, o melhor. O uso do grego se justifica pelo fato de que na língua portuguesa ambas palavras não têm boa tradução. Por exemplo, em grego há três palavras para tempo: Eon, Kronos e Kairós; cada uma tem um significado, sendo que Kairós é o tempo num sentido de momento qualitativamente melhor.

Isto quer dizer em essência que, em sua mensagem, Jesus anunciava a irrupção do tempo da salvação ou em suas palavras: “é chegado o Reino” (Mc 1.15, 11.20).

Sim, a mensagem de Jesus era a chegada do Reino de Deus, é verdade que vivemos como deu a perceber Jesus, a Aurora do Reino, este está desabrochando, a segunda vinda, a escatologia, haveria de trazer como cria a comunidade cristã primitiva a concretização final do Reino, até lá como Igreja somos chamados a participar de sua construção.

A presença do Reino torna-se o centro da pregação de Jesus, correspondendo, assim, com sua pregação aos anseios do povo, o qual ansiava por sua vinda. Por isto mesmo, era tema da teologia dos fariseus, dos revolucionários Zelotes, dos Saduceus e outros grupos daquela época.

Freqüentemente, nossa pregação, o ministério de anúncio e proclamação em nossas igrejas, responde a perguntas que o povo não está fazendo, e nisto temos de aprender de Jesus. O Reino de Deus e a conversão a ele deve ser o centro de nossa pregação.

A irrupção da novidade do Reino exige mudança na realidade à qual ele se dirige, e isto começa com as pessoas. Por esta razão, a palavra que segue ao anúncio da novidade do Reino é o verbo metanoiô no imperativo. Este verbo significa mudança da mente, ou como está na tradução de Almeida – arrependei-vos;

ou, ainda, na de Jerusalém – convertei-vos, o que este imperativo exige é: mudem de valores, de vida, enfim, convertam-se a Deus e reconstruam vossa sociedade, segundo os valores do Reino.

A proclamação do Reino exige mudanças de quem anuncia e a quem se anuncia, como disse Jesus acerca desta realidade à qual ele anunciava: “Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa a roupa e o rasgo torna-se maior. Nem se põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, estouram os odres, o vinho se entorna e os odres ficam inutilizados. Antes, o vinho novo se põe em odres novos; assim, ambos se conservam (Mt 9.16-17)”.

Onde está a exigência de mudança na nossa proclamação? Isto se quisermos que nosso ministério recupere e atualize o sentido do ministério de Jesus.

Concluindo esta parte, o ministério de anúncio do Reino não é apenas discurso, como vamos ver, mas inclui e depende de uma prática. Neste sentido é que entra a exclamação do povo, após a cura do endemoninhado na Sinagoga de Cafarnaum: “Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade”. Sua prática era forte e trazia uma novidade – o Reino de Deus (Mc 1.21-28). E isto fazia com que o povo reconhecesse sua autoridade.

c) O Ministério de Jesus como sinalização do Reino

Começando com o texto do endemoninhado na Sinagoga, passando pela cura da sogra de Pedro, toda a seqüência do ministério inclui uma prática dinâmica com as seguintes características principais:

c.1) **Expulsão de demônios** – O confronto de poder existente quer ilustrar o domínio de Jesus; Ele é Senhor. É um conflito cósmico, a verdade está que ele é acusado de expulsar demônios por Beelzebul, o maior dos Demônios, na verdade era Beelzebul, o “Príncipe” designativo de uma divindade cananita, cujo culto era visto como usurpação ao verdadeiro alvo de Culto Iahweh o Deus Libertador. O confronto de Jesus com os demônios é um sinal simbólico do confronto de **Poder**, e a vitória de Jesus ilustra e significa Jesus como sendo o maior Poder, seja ele de Beelzebul, ou Cesar, ou Herodes. Confrontar-se com tais poderes de escravidão é uma prática e sinal do ministério do Reino de Deus.

c.2) **A cura de enfermidades** – As doenças eram vistas como expressões concretas do pecado dos pais, uma teologia do cunho farisaico que, levado às últimas conseqüências, tinha como resultado a discriminação dos doentes. Exemplo é João 9: “Quem foi que pecou para que ele nascesse cego?”

No judaísmo contemporâneo a Jesus, estruturado num sistema de pureza ritual, como forma inclusive de apressar a vinda do Reino, os fariseus não tocavam num doente e se porventura o tocassem teriam de submeter-se a toda uma seqüência de ritos e práticas purificadoras. Com isto, a grande maioria dos enfermos, principalmente os de nascimento, viviam em grande marginalidade e miséria; entre os pobres, eram os mais pobres.

É esta gente enferma um dos alvos do ministério de Jesus; ele, contrariamente aos religiosos de sua época, os toca (Jo 9.6), curando-os (Mc 1.31).

Nesta atuação de Jesus, vemos a prática de ministérios que depois se desenvolveram na Igreja através

do exercício dos dons espirituais de: misericórdia, fé e cura (I Co 12.9-10; Rm 12.8). Hoje, irmãos são chamados a trabalhar com enfermos, seja exercendo a misericórdia de assisti-los e encaminhá-los a um hospital, ou mesmo tendo a audácia da fé para orar para que sejam curados. Cabe, aqui, ainda a denúncia ao tratamento que se dá aos doentes do século XX, seguem sendo mal tratados e discriminados.

d) **A vida é mais importante que as instituições – Marcos 2.23-28**

A legislação criada pelos fariseus em torno do sábado era de tal modo característica e ao mesmo tempo sufocante: não se podia tirar água do poço, o número de passos eram contados, tudo numa sacralização que impedia o socorro e a misericórdia.

A acusação no texto, era de terem catado espigas no dia de sábado, nenhum alimento podia ser preparado ou colhido no sábado, tudo deveria ser preparado ou colhido na véspera.

Jesus torna-se um violador de tal lei que conspirava contra a vida pois é Ele quem disse: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.

Hoje, diversas leis conspiram contra a vida, carecemos de ministérios proféticos como o de Jesus, que se colocava em posição frontal contra tais leis, as quais não promovem o direito do pobre, da viúva, do menor, do sem terra. Deus chama e dá o dom de Profecia para declarar, no presente, o juízo de Deus sobre as instituições injustas, estabelecendo justiça entre os seres humanos. Precisamos, como Jesus, ferir a terra com a vara de nossa boca, ou seja, os desígnios justos de Deus dados por Ele mesmo aos seus profetas.

e) **“Dai-lhes Vós mesmos de comer”**

Esta ordem de Jesus é o abrir-se de uma prática ministerial, dar pão ao que tem fome. Pode ser caracterizado pelos dons de serviço, socorro, misericórdia ou outros que, em nossa época, Deus levanta. O importante é que o alimentar-se não é um direito adquirido pelo dinheiro pouco ou muito. Jesus, rejeita a proposta dos discípulos: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada. Despede-os para que vão aos campos e aldeias vizinhas e comprem para si o que comer”. A resposta de Jesus coloca o problema no nível: “A fome de meu irmão não é um problema de solução do mercado capitalista, mas é um problema meu”. “O dai-lhe vós de comer” abre uma perspectiva desafiadora de ministério.

Hoje faz falta que entendamos e estimulemos ministérios dispostos a superarem as regras de uma sociedade curvada ante a divindade do dinheiro, submisso à misericórdia, à justiça e ao amor. Estes foram os verdadeiros critérios que suscitam dons e ministérios, os quais, igualmente aos de Jesus, ministram ao povo na base de suas necessidades. Fazer isto é compor o Ministério do Reino de Deus; é ensinar o que de fato é o Reino de Deus.

Conclusão

Do envio dos discípulos ao nosso envio

Mateus 10 é chamado de discurso da Missão dos doze e por extensão de toda a Igreja.

Desde aí o ministério torna-se o serviço realizado sob a autoridade de Jesus: “deu-lhes autoridade” (Mt 10.1).

Quero, a título de conclusão, sublinhar alguns elementos que complementam nossa visão de ministérios, conforme enunciado neste texto.

Além das práticas já mencionadas, como a prática de Jesus que passa a ser uma ordem para os seus seguidores e ministros, temos no estilo de ministérios algumas orientações a mais.

“De graça recebestes, de graça dai”. Temos tornado muitas vezes o acesso ao Reino caro e distante da maioria do povo. Quando centralizamos nossas atividades no Templo e convencionamos roupas boas e bonitas para frequentá-lo, estamos criando embaraços para que outros se aproximem de nós como comunidade do Reino. Ou quando estabelecemos critérios muito acadêmicos, estamos inibindo o desenvolvimento de dons espontâneos e espirituais, dons que, com algumas orientações básicas, se desenvolveriam e alcançariam cheios de graça muitas outras pessoas.

Freqüentemente encontramos pessoas que nos dizem: “Pastor, eu não tenho nenhum dom”. Na conversa pessoal, a seguir, o que a maioria das pessoas quer dizer é que não é possuidora de nenhum curso, ou mesmo é semi-analfabeta. Tal compreensão é dominante na nossa sociedade e lamentavelmente na nossa Igreja também. Com isto, nega-se a natureza dos dons espirituais, pois **carismata** quer dizer dons gratuitos ou dons de graça (Rm 12.6); quer dizer que é dado a todos os cristãos gratuitamente (I Cor 12.4-7). Assim é que Jesus foi habilitado pelo Espírito do Pai e nos habilita pelo seu Espírito, o qual desde o Pentecostes passa a ser a nossa habitação para o ministério.

O outro aspecto característico de um ministério a serviço do Reino é o caráter de servidor que deve ter o ministro; a maneira pobre exigida por Jesus em Mateus 10 caracterizava os servidores que, por terem de levar os pertences e os cuidados do seu Senhor, não tinham como levar algo mais para si. Por outro lado viajavam em rota

estabelecida pelo seu senhor; muitas das características exigidas por Jesus de seus seguidores coincidem com os tais diákonos que eram os servidores do mundo greco-romano. Torna-se, então, muito rico estabelecer tal comparação, porque esta é a palavra usada em todo o Novo Testamento, para designar Ministro, seja no sentido de serviço – diakonia, ou no sentido de servidor (ministro) = diákonos ou ainda a ação = o verbo grego **diakonéo**.

Isto traz à tona frases de Jesus como: “Porque o filho do homem veio para servir e dar a sua vida em resposta de muitos”. O Ministério de Jesus é serviço, o ministério de cada cristão é serviço; assim como o Espírito veio sobre Jesus, dando-lhe poder para este serviço, nós recebemos os **carismata** = dons da graça para exercício de nosso ministério de serviço ao Reino de Deus.

Finalizando, temos uma visão deturpada de cargos e funções que, ao invés de serem postos de serviço, são disputados como expressões de dominação e poder, tornando-se negação do ministério de serviço. Tais cargos são distribuídos sem o critério dos frutos e o que é mais grave sem o mais importante, o **carismata**: os dons da graça do Espírito do Senhor.

III – ATOS DOS APÓSTOLOS – PENTECOSTES: O IMPULSO PARA UMA IGREJA COM DONS E MINISTÉRIOS

1. O Livro de Atos dos Apóstolos

Falar do livro de Atos dos Apóstolos é mencionar o Pentecostes e a descida do Espírito Santo; e o texto nos aponta muito claramente **para que** o Espírito é dado. O livro abre com o testemunho do próprio Senhor Jesus, dizendo: “... mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (**Atos 1.8**).

Assim, no livro de Atos são colocadas duas questões: a) o poder do Espírito Santo é dado à Igreja para que ela seja **testemunha**; testemunhar é o seu ministério; b) ser testemunha, em constante Expansão Missionária. A partir de Jerusalém, a mensagem deveria ser levada à Judéia, Samaria e até os confins da terra. Nos Atos dos Apóstolos, o episódio que dá condição aos Apóstolos e à Igreja nascente de realizar Atos ou Ministérios, é, por excelência, a descida do Espírito Santo, o Pentecostes.

Vejamos o que o texto diz: “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. E, em Jerusalém, estavam habitando varões religiosos de todas as nações que estão debaixo do céu... E a multidão estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua, ... e se admiravam, dizendo: Vê-

de! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um, em nossa própria língua materna... as grandezas de Deus?" (**Atos 2.4-11**). Frequentemente ouvimos alguém pregar sobre este texto; as ênfases são colocadas nos dons extraordinários, os quais, embora veículos importantes, são dados para um fim específico: **testemunho das grandezas de Deus**.

2. Consideremos, agora, os dois aspectos fundamentais do Pentecostes, ou mesmo do livro de Atos dos Apóstolos.

Testemunhar na diversidade de Ministérios

Seja na concepção semântica do substantivo grego **martyria**, ou na ação do verbo **martyreo**, ou ainda o **martyr** (aquele que dá a sua vida por uma causa), testemunhar é um ato que exige coragem e poder.

Que tipo de testemunho é este, que supõe a fidelidade ao mandatário do envio – Jesus – até a morte? Primeiro, que o autor do comissionamento deu a sua vida pela mensagem que vivera e pregara – o Reino de Deus; agora esperava que seus seguidores fossem fiéis testemunhas Dele e do Reino de Deus.

Deste modo, ser testemunha é ter um compromisso profundo com Jesus.

Crer em sua obra, confiar na eficácia de seu sangue como fonte de perdão de pecados e de nova vida; vida que deve ser vivida no poder do Espírito Santo, para desempenho de um Ministério de Testemunhar o nome, a obra, o ensino, enfim, a vida de Jesus.

Como entendeu e realizou isto a Igreja após o Pentecostes? Primeiramente, a Igreja creu que o que ocorria era o cumprimento de uma profecia. É incontestável entre os estudantes do Novo Testamento que o Pente-

costes visto e vivido pela Igreja tratava-se da Palavra de Deus feita carne. Tornava-se fato o anunciado por Joel, e não somente por Joel, mas também por Jesus quando dissera: "Ficai em Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder".

Diante disso podemos dizer que para a comunidade primitiva o ministério básico foi anunciar a Palavra feita carne. Foi este fato que fez Pedro explicar ao povo o que estava acontecendo naquele Pentecostes, quando disse com toda clareza: "... o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel..." (**Atos 2. 16**). Em seguida o anúncio da Palavra, por Pedro, é na forma de exposição da obra, vida, morte e ressurreição de Jesus, concluindo numa confissão de fé da Igreja Primitiva: "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (**Atos 2. 36**). Adiante, no capítulo 6 de Atos dos Apóstolos, são eleitos os Diáconos para que os Apóstolos pudessem se dedicar à pregação e ensino da Palavra (**Atos 6. 1-7**).

Na continuidade, ser testemunha supunha um convite a outros a crerem em Jesus, e em Seu nome serem batizados; este foi o resultado evidente do anúncio da Palavra por Pedro, sendo que três mil pessoas se converteram.

Hoje nós devemos esperar que o nosso testemunho da Palavra de Deus encontre igual frutificação, pois não é possível outro resultado. Quando não temos um resultado frutífero, devemos procurar o erro em nosso testemunho, em vez de dizermos que isto não é para os dias de hoje.

O ato de testemunhar passou por um estilo de vida, o qual deu autoridade à pregação e ensino à comunidade, à semelhança do que ocorrera com Jesus (Atos 2. 42-27, Marcos 1.22).

Vejamos no que consistiu o estilo de vida da comunidade:

- a) Era uma Igreja onde o ministério do ensino tinha seu lugar, pois perseveravam na doutrina dos Apóstolos, ou seja, os Apóstolos ensinavam aos novos convertidos a doutrina do Reino, conforme ensinada por Jesus, por palavras e ações. De modo ativo, conforme o sentido de **proskarterio** = perseverar. Adquiriam com isto o conhecimento de Deus; tudo o mais decorria disto.
- b) Uma Igreja em que havia a comunhão = **koinonia**. O que significava **koinonia**? Vejamos o que nos diz um dos melhores exegetas e lingüistas do Novo Testamento grego, W. Bauer.
Segundo Bauer, a palavra pode ter quatro acepções de sentido:
 1. A relação íntima que une pessoas e coisas;
 2. O senso acerca desta comunidade com outras pessoas, do dever de atenção e generosidade para com elas;
 3. A manifestação concreta desse senso comunitário;
 4. Enfim, a participação no que atinge a outrem, em seus sentimentos, atos e provas.

Na verdade, comunhão = **koinonia** significou a identidade de propósito dos Apóstolos entre si e entre toda a comunidade; é o que está dito mais adiante em Atos 4. 32: "... era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das cousas que possuía; tudo, porém, lhes era comum". Esta é uma descrição do que consistia a comunhão, o que também está expresso no verso 44 do conjunto 2: "... estavam juntos, e tinham tudo em comum". Tal experiência, de união de sentimentos, propósitos e bens,

está firmada na experiência prática vivida pelos discípulos com Jesus; a vivência de comunhão era, agora, experimentada pelos discípulos e pela comunidade nascida em Pentecostes.

A comunhão encontrou no partir do pão, na celebração deste amor que fazia existir um só coração e uma só alma, o momento de celebração da fé que os unia, a fé no Senhor Jesus ressuscitado. No profundo compromisso de repartir o pão estava mais um ministério se manifestando: era o exercício do dom de Socorro ou Misericórdia, a prática da solidariedade, um verdadeiro exercício de amor aos necessitados. Este ministério cresceu tanto que nesta comunidade "... nenhum necessitado havia entre eles..." (**Atos 4.34**).

Hoje uma Igreja de Dons e Ministérios tem que passar por esta experiência da comunhão do amor, do propósito e do partir do pão. A Igreja tem que ser uma comunidade que atualiza o Ministério de Jesus entre os seres humanos.

- c) Era uma Igreja onde a oração, como expressão da comunhão com Deus, tinha lugar na vida da comunidade como expressão constante na vida pessoal de cada um individualmente. Esta era uma Igreja que orava; e porque juntos oravam, Deus estreitava os laços de amor e compromisso entre as pessoas. Deus os abençoava ricamente por isso, tanto que enquanto oravam "... tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus" (**Atos 4. 31**).

Nós ocupamos muito tempo com muitas atividades na vida da Igreja, longas reuniões e muitas vezes infrutíferas; nossas orações são muitas vezes rápidas e formais, repetitivas. Sinto que há falta de mais oração em nossa vida comunitária, pessoal e devocional. Quando

vemos a vida de Jesus, O vemos no deserto orando para dar início ao Seu Ministério, orando no Monte da Transfiguração, orando no Monte das Oliveiras. Do mesmo modo, a Igreja de Atos dos Apóstolos tomou esta ênfase do próprio Jesus, atualizar o ministério, e isto significou uma vida de oração também.

Assim, o Ministério da Oração e da Intercessão é fundamental como forma de testemunho de fé que temos no Deus que atua na história.

- d) Finalmente, era uma Igreja onde além dos Ministérios de Ensino, da Pregação, do Socorro ou Misericórdia e da Oração ou Intercessão, havia como fruto da ação do Espírito Santo no seu meio muitos outros dons que se manifestavam em “.. muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos” (Atos 2. 43). Eram ministérios como o da cura do coxo da Porta Formosa, o qual resultou num impacto na vida da cidade de Jerusalém, que desestabilizou o poder do Templo.

Podemos dizer que Dons e Ministérios na Igreja Primitiva foi vivido na reunião da Igreja e na rua junto ao povo necessitado, a tal ponto que passaram a contar com a simpatia do povo (“... e contando com a simpatia de todo o povo...” Atos 2. 47). Por que contavam com a simpatia do povo? Porque os ministérios visavam: “... visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo porque foi curado...” (Atos 4. 9). Sim, ministério como serviço deve ser medido em termos de a quem da Igreja, ou fora dela, foi por tal ministério alcançado, abençoado, ajudado. Afinal, para isto foi derramado o Espírito Santo sobre a Igreja, para que no exercício dos Dons muitos desenvolvessem seus Mi-

nistérios para benefício de todos, homens e mulheres, necessitados.

Assim, pelo testemunho dos nossos dons em ação, cresce em nosso meio o Reino de Deus, sinal por sinal, ministério por ministério.

3. A expansão missionária

Depois de vermos algumas das formas de testemunho usadas por Deus na vida da Igreja Primitiva, cabe-nos avaliar a eficácia dos mesmos, o resultado deles na vida da Igreja.

Como foi que se expandiu este testemunho em forma de muitos Ministérios? Esta pergunta pode ser respondida de muitas maneiras, mas nenhuma delas dispensa o texto. Vamos deixar o texto nos falar.

- a) A pregação de Pedro como instrumento de Expansão Missionária.

Hoje a pregação está bastante desacreditada; os pregadores se multiplicam no rádio, na televisão e nos templos, e nem sempre os resultados são os mesmos de Pedro, 3.000 convertidos. Muitos pregadores têm audiência, mas não necessariamente conversões. A maioria dos ouvintes se aproxima por interesses pessoais diretos, e muitos pregadores se aproveitam disto. O que tinha Pedro para atrair tantos convertidos? O que havia no seu Sermão? Primeiramente, Pedro não estava atraindo a atenção para si.

Pedro chamava a atenção para o que Deus estava fazendo naqueles dias.

Pedro, diferentemente dos pregadores modernos, não queria aparecer.

Seu desejo era fazer Jesus Cristo conhecido de todos. Pedro irradiava a presença de Jesus. “Ao verem a in-

trepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (Atos 4. 13). Pedro assimilara o estilo do Mestre, irradiava Sua presença. Um Ministro da Palavra deve ser alguém capaz de fazer com que os outros notem a presença de Jesus através de sua vida, postura e mensagem.

Por outro lado, Pedro era um pregador cheio do Espírito Santo como Wesley. Pedro ao pregar foi usado pelo Espírito Santo, não falou de si mesmo, mas sua mensagem foi uma mensagem realmente inspirada; falou com intrepidez; ele que antes negara a Jesus com medo de morrer, agora enfrenta as autoridades e prega a mensagem que Deus lhe colocara. Coragem, intrepidez e disposição são características de alguém conduzido pelo Espírito para o ministério de anúncio da Palavra.

Concluindo, Pedro ao pregar deu duas ênfases: 1ª) anunciou a Palavra de Deus, como já dissemos. Ele cria que ali estavam se realizando as promessas feitas por Deus através do profeta Joel. Muitos pregadores, hoje em dia, lêem a Bíblia e não comentam mais o texto; o texto é um mero pretexto para anunciarem suas próprias ideologias. Uma pregação que produz resultado para Expansão Missionária da Igreja tem que considerar o texto bíblico com seriedade; 2ª) o segundo aspecto é que Pedro anunciou a Jesus como Senhor. Sua pregação não era um anúncio de si mesmo, mas do Senhor da Igreja e de Seu Reino.

- b) O modo de vida da comunidade como instrumento para Expansão Missionária.

Não há dúvida que a expressão final de Atos 2. 47, “... enquanto isso, acrescentava-lhe o Senhor, a cada dia, os que iam sendo salvos”, carrega um desafio

missionário, pois hoje as Igrejas se esforçam bolando métodos, organizando campanhas e tantos mirabolantes planos de evangelismo, ação comunitária; tudo com vistas à Expansão Missionária da Igreja. E os resultados são pequenos.

Quem sabe o que falta à Igreja é viver o Evangelho em mútuos ministérios, serviço constante em amor ao povo, e assim a cada dia o Senhor acrescenta os que vão sendo salvos, que por sua vez são enviados e expandem mais as fronteiras da missão. O resultado de Atos 2. 47 só foi alcançado porque a Igreja viveu a experiência de ensino, comunhão com os necessitados e oração; foram sinais visíveis do Reino que trouxeram o povo às conversões descritas no verso 47.

4. Conclusão

O que vimos em Atos dos Apóstolos foi uma Igreja disposta a trabalhar em submissão aos ensinados do Evangelho.

A Igreja Primitiva entendeu ter sido o Pentecostes a maneira com que Deus quis manter viva a presença de Jesus no seio da comunidade.

Assim sendo, se queremos ser uma Igreja de Dons e Ministérios, precisamos reconhecer o caráter vital da presença do Espírito Santo movendo a Igreja, dando Dons para que surjam os Ministérios, sempre como resposta às necessidades específicas vividas pela comunidade, nunca uma apropriação individualista.

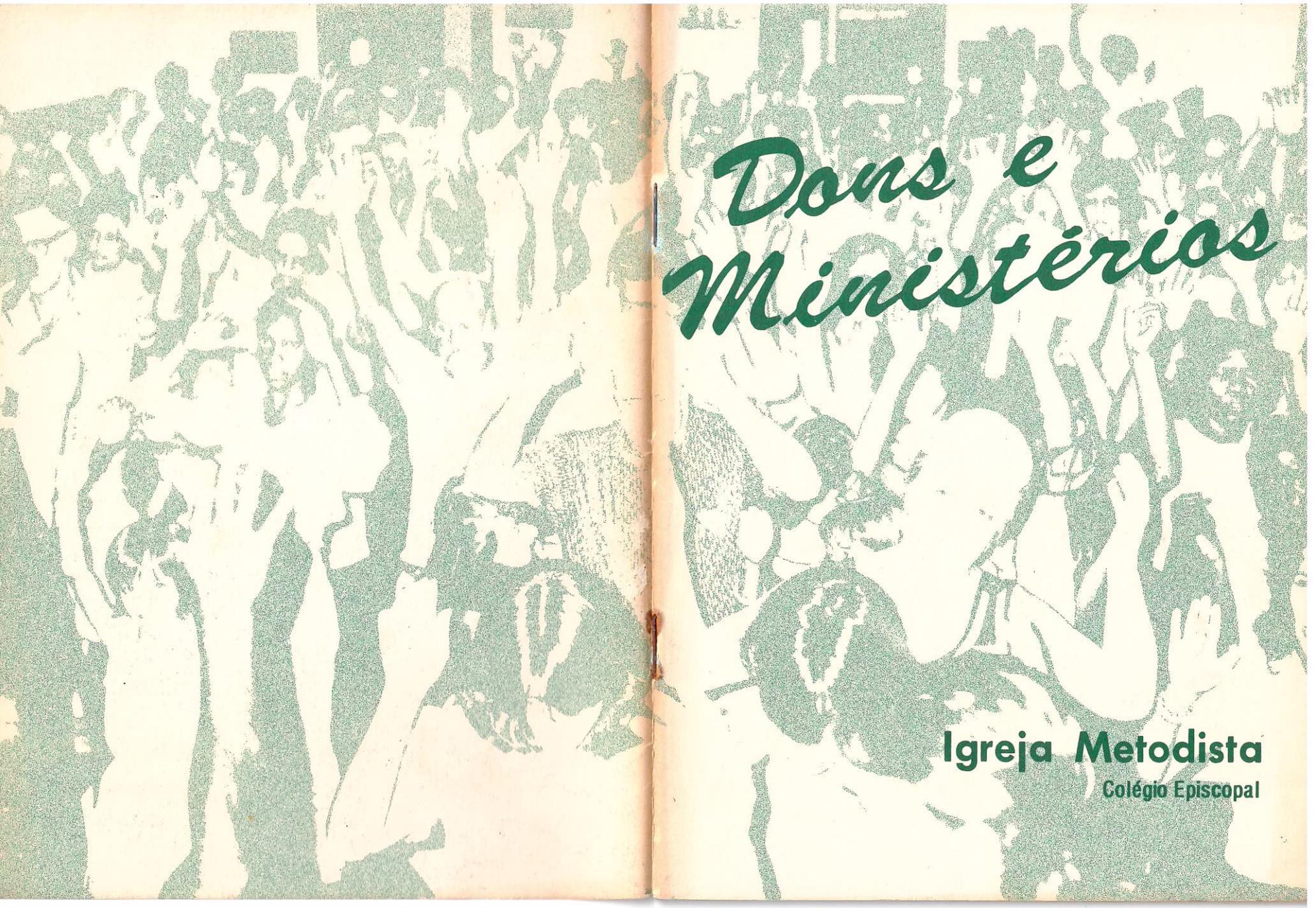
Estejamos sempre abertos à presença renovadora do Espírito de Deus; é Ele quem atualiza a presença e o Ministério de Jesus em nosso meio, “pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar” (Atos 2. 39).

NOTA

Estes estudos terão seqüência, estando previstos os seguintes nos fascículos futuros:

- Efésios 4
- Romanos 12
- Ministério nos Escritos Paulinos
- Reflexão Teológica-Sistemática:
 - Escritura-Missão
 - Reino de Deus
 - Mundo
 - Ministério – Dons
 - Criação – Unidade
 - Diversidade – Maturidade
- Questões Práticas

Colégio Episcopal



Dons e Ministérios

Igreja Metodista
Colégio Episcopal